

CONTRIBUIÇÕES DAS TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: UMA ENTREVISTA COM LÍVIA MÁRCIA TIBA RÁDIS BAPTISTA

Neste volume da revista **Diálogo das Letras**, os professores Tatiana Lourenço de Carvalho¹ (UERN / USAL), Lucineudo Machado Irineu² (UERN) e Esther Casares Carmona³ (USAL) apresentam uma entrevista realizada com a professora Dra. **Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista**, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Lívia Baptista é um dos principais nomes do país em estudos aplicados ao ensino de línguas estrangeiras, mais especificamente ao ensino de língua espanhola em contexto brasileiro. Atualmente, Baptista é professora associada I da Universidade Federal do Ceará, com experiência de pesquisas na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem de línguas (português e espanhol), formação de professores, análise de discurso crítica, representações, multiletramentos e tecnologia educacional. Orienta pesquisas em nível de iniciação científica, mestrado e doutorado. É líder do Grupo de Pesquisa Ensino e Aprendizagem de Línguas Adicionais (GEALA/CNPq) e integrante do GT da ANPOLL Ensino e aprendizagem na perspectiva da Linguística Aplicada.

Entrevistadores: Professora, nas últimas décadas, muito se tem falado sobre a teoria dos gêneros textuais/discursivos e sua importância para o ensino de línguas, sejam elas maternas ou estrangeiras. No entanto, quando observamos aulas e/ou analisamos materiais didáticos, vemos como os gêneros textuais ainda servem, muitas vezes, exclusivamente como um pretexto para trabalhar conteúdos informativos ou até mesmo estruturas linguísticas. A partir de sua experiência como professora de línguas, em sua opinião, o que já foi feito e o que ainda necessita ser feito para mudar essa prática de subutilização de tais gêneros em sala de aula?

Lívia Baptista: Concordo, de fato não é recente a discussão em torno das contribuições das teorias dos textos e discursos para o ensino de línguas, guardadas, evidentemente, as diferenças entre as línguas materna e estrangeiras ou segundas. Não aprofundarei aqui em que consistem tais diferenças, mas gostaria de assinalar que no caso da língua estrangeira devido aos distintos enfoques e, em especial, ao peso que ganhou o ensino comunicativo, notadamente nos anos oitenta, os textos foram se integrando a realidade de ensino e aprendizagem e esse fato repercutiu na produção de materiais didáticos. Examinando

¹ Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutoranda pelo programa de doutorado *Español: Investigación Avanzada en Lengua y Literatura* da *Universidad de Salamanca* (USAL) com pesquisa de doutorado financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Salamanca, Espanha, e-mail: tatianacarvalho10@yahoo.com.br

² Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), onde coordena o grupo de pesquisa EALE. Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com estágio sanduíche na Universidade de Buenos Aires (UBA). Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: lucineudomachado@yahoo.com.br

³ Professora de Espanhol e Inglês como línguas estrangeiras. Doutoranda pelo programa de doutorado *Español: Investigación Avanzada en Lengua y Literatura* da *Universidad de Salamanca* (USAL). Salamanca, Espanha, e-mail: esther@casaresinternacional.com

rapidamente o papel dos textos e da leitura, por exemplo, passamos de uma visão centrada na forma e estrutura linguísticas, caso dos métodos de gramática e tradução e das abordagens audiolinguistas, a uma visão em que se buscava situar os usos linguísticos e propor situações de comunicação, caso do enfoque comunicativo.

Contudo, não significa que necessariamente as práticas promovidas na sala de aula tenham se modificado, apesar da crescente valorização dos textos e da diversidade textual e genérica nos materiais didáticos. Em determinados casos, inclusive, os textos continuam como pretextos para análises gramaticais e prevalece o foco em aspectos formais. Ora, não estou dizendo que não seja necessário um foco na forma. Mas parece-me que a questão é como explorar nas aulas os textos, aproximando-os da realidade dos alunos, fazendo-os sujeitos sociais da aprendizagem e daí, portanto, a subutilização dos gêneros a qual nos referimos.

Ainda quanto à subutilização dos gêneros na sala de aula, como sugeri antes, penso ser necessário aproximá-los da realidade dos aprendizes, mostrando como fazem parte de sua vida e como são demandados pela sociedade letrada em que vivemos. De acordo com essa proposta, é preciso ampliar o letramento dos sujeitos, ou seja, orientar-se por uma visão que considere como os textos são socialmente produzidos e situados. Posso exemplificar com um problema de uso. Recentemente na copa, havia nos aeroportos alguns lembretes nas esteiras em que se recolhia a bagagem aqui em Fortaleza. Neles além do texto informativo em português havia uma tradução em inglês (que não discutirei aqui, claro). Em uma dessas, dizia algo do tipo “guarde seus pertences, não nos responsabilizamos por eles”. Também havia um enorme banner com a foto de táxis credenciados e outros não credenciados em que se dizia que era recomendável utilizar táxis credenciados, já que poderiam ser lesados caso não o fizessem. O que há nesses textos que seria matéria de reflexão? Inicialmente, os textos fazem sentido segundo o contexto em que são produzidos, os fins comunicativos, a imagem que temos de quem os lê. Como compreendemos esses textos? Como um turista pode ou deveria compreendê-los? Quais são nossos valores e como esses orientam/condicionam nossa compreensão? Como ativamos nosso conhecimento de mundo para compreender os textos? Assim, por exemplo, uma abordagem como a do *letramento crítico* que desloca o foco para a compreensão dos implícitos, das ideologias e dos sentidos construídos pode resultar uma alternativa que permita transcender a ênfase em aspectos puramente formais. E, assim sendo, há muito material para ser explorado, inclusive, nas redes sociais, na internet, na mídia eletrônica, por exemplo. Outra proposta, diz respeito a como os gêneros podem ser incorporados, transmutados e, ainda, como podem desaparecer. Desse modo, explorar textos em que originariamente (se podemos dizer) se identificam determinados gêneros, verificar como a literatura, a mídia e nós mesmos os utilizamos e reelaboramos em nossas práticas discursivas também seria uma sugestão, uma possibilidade. Outra sugestão seria integrar a análise dos aspectos multimodais, por exemplo, explorar vídeos cliques nas aulas de língua, integrando as múltiplas semioses para a construção dos sentidos, de maneira a ampliar-se a própria concepção de texto que possuem os alunos.

Entrevistadores: Atualmente, exames como o ENEM e os vestibulares de diferentes universidades, assim como provas de alguns concursos públicos, têm dado um espaço de destaque à abordagem da língua em situações reais de uso. Nestes exames, é exigido dos candidatos que eles minimamente saibam reconhecer, por exemplo, os gêneros textuais e sua função social. Em sua opinião, que contribuições o entendimento do que venham a ser os diferentes gêneros pode trazer para esses candidatos em situações reais do dia a dia, além da aprovação em um exame como os mencionados?

Lívia Baptista: Importante essa indagação, qual seja, para que determinado conhecimento está voltado, a que demanda social atende. Parece-me que uma das maiores contribuições que a abordagem da língua em situações de uso nos trouxe foi a de justamente possibilitar a exploração dos diversos recursos linguísticos para que efetivamente levassem a uma interação entre os sujeitos, valorizando as diversas competências, entre as quais, a comunicativa.

Além desse aspecto, ao considerar o texto em suas múltiplas dimensões, ou mais exatamente, ao reconhecer os gêneros e suas funções sociais, ampliamos consideravelmente as possibilidades de compreensão da linguagem em funcionamento. Esse ponto nos permite promover atividades na sala de aula que levem a reflexão sobre a língua, sobre os sentidos, sobre os meios que difundem os textos, sobre os leitores. Permite igualmente desenvolver atividades tanto de natureza linguística como metalinguística e, ainda, atividades epilinguísticas. Dessa forma, contribuí para a compreensão das práticas discursivas como resultado da ação dos sujeitos no mundo social, buscando entrever as implicações existentes entre os diversos gêneros e a diversidade das instâncias comunicativas.

Entrevistadores: Observando os textos e suas condições de produção, pode-se falar em gêneros de texto ou textuais e gêneros do discurso ou discursivos. Como debate teórico, isso resulta sumamente interessante e nos leva, como ocorre em geral, a discutir a natureza da linguagem. Quando se trata de enquadrar o trabalho com a linguagem nos níveis de educação inicial, fundamental e médio, no entanto, observam-se uma apresentação confusa destes termos e uma falta de clareza na definição deles. Que medidas podem ser tomadas para sanar esta confusão de concepções teóricas no âmbito educacional a fim de que o aluno saia da escola básica reconhecendo tais diferenças?

Lívia Baptista: Respondo essa questão como educadora, como formadora de professores e como professora de línguas que sou e com base no que vivenciei em diversas etapas e experiências de minha formação e atuação profissional. Defendo que a formação inicial é um momento sumamente importante em que se gestam diversas concepções acerca do ensino, aprendizagem, língua, texto, etc. E que essas concepções, muitas vezes, tendem a se reforçar na ação do professor. Desse modo, é preciso valorizar a formação inicial, tendo em vista que muito do que se desenvolve (ou não) nela, terá implicações na prática dos futuros professores. Assim, é preciso aproximar-se da realidade do ensino da escola básica, desenvolver projetos que articulem os saberes da ação em um contexto real e que produzam algum tipo de deslocamento nas práticas anacrônicas ainda dominantes. Um exemplo são os estágios docentes realizados nas escolas, por meio da viabilização de projetos ou a de iniciativas como o PIBID. É necessário abandonar as ideias preconcebidas e os pressupostos, mas não os ideais; é urgente conhecer os contextos locais de atuação. Ainda quanto à formação em si, me parece importante articular os conhecimentos, proporcionar uma formação que supere os saberes disciplinares, no sentido de compartimentos fechados e herméticos, tendo em vista a complexa realidade do ensino em uma sociedade como a nossa.

Entrevistadores: No texto argumentativo, há uma série de elementos-chave que fazem com que este texto seja distinto frente ao descritivo, ao narrativo, ao explicativo e ao dialogal. Quais são os aspectos-chave diferenciadores a se considerar no ensino do texto argumentativo nas aulas de línguas?

Lívia Baptista: É importante chamar a atenção para o que consiste a argumentação, ou seja, quando, para que e como argumentamos. Nesta direção, um aspecto relevante a ser

considerado é o das diferenças retóricas entre as línguas e com esse fim pode ser útil uma abordagem contrastiva, que não se limite a aspectos formais, mas que contemple questões de sentido e se articule a propósitos comunicativos. Assim, é possível contrastar diferentes maneiras de organizar a argumentação, relacionando-as ao ponto de vista; por exemplo, explorar notícias de diferentes fontes, mas que abordem temas comuns, observadas de perspectivas diferentes. Analisar como defendem, expõem, contrapõem pontos de vistas e como esses se relacionam com os implícitos textuais e com os posicionamentos discursivos pode resultar interessante. Portanto, me parece necessário integrar aspectos formais, discursivos, linguísticos ao ensino e aprendizagem de textos argumentativos e/ou com orientação argumentativa e essa integração pressupõe explorar os textos como socialmente situados, condicionados.

Entrevistadores: Há limite entre a argumentação, a descrição e a narração que resultam complicados para analisar textos em sala de aula. Qual seria o melhor caminho para o trabalho com a argumentação em sala de aula, a partir de textos empiricamente constituídos?

Lívia Baptista: De certa forma, respondi essa questão anteriormente. Acrescentaria que nem sempre esses limites estão tão claros e tão categoricamente definidos e/ou determinados. Por exemplo, se escolho um texto publicitário, um gênero como anúncio, posso observar e identificar sequências diversas, a saber, expositivas, narrativas, descritivas, argumentativas, etc. Seria o caso de analisá-las como funcionam no texto, que função cumprem e como se articulam. Tratando-se de texto, de acordo com a valorização da diversidade genérica, nos defrontaremos com textos que contém essa heterogeneidade; aliás, a heterogeneidade se acentua se pensarmos que há diversidade de pontos de vista, de autores, de fontes, de leitores. Assim sendo, me parece que a análise não poderá prescindir dessa heterogeneidade constitutiva dos textos. Neste sentido, entendo que a análise dos diversos pontos de vista, das vozes emergentes bem como dos lugares discursivos a partir dos quais essas se concretizam, pode ajudar a ter uma compreensão de como são estabelecidos os argumentos diferentes e como esses reforçam dado entendimento, dada perspectiva.

Na aula de língua, por exemplo, uma sugestão é construir uma argumentação, ou seja, compreender e produzir textos argumentativos considerando-se alguns parâmetros como a situação comunicativa, o objetivo, sua posição (enquanto sujeito, tendo seu status, sua definição social, sua voz). Aliás, constantemente exploramos essas relações, mas podemos explicitá-las ou torná-las mais evidentes, mais problematizadoras, na medida em que ressaltamos com que interesse e por qual razão elaboramos nosso texto argumentativo. Em outras palavras, por qual razão argumentamos e nos valem da elaboração de textos para esse fim.

Outro ponto que gostaria de mencionar se refere a importância dos textos acadêmicos e sua valorização no ensino e aprendizagem. Neste sentido, enfatizo a necessidade de construir uma argumentação que se oriente pela autoria e pela autonomia; que valorize e reconheça as fontes autorais, que estabeleça com clareza seus pontos de vista e que respeite a citação, as fontes, por exemplo. Estou refletindo faz certo tempo sobre o plágio. Na verdade, é uma reflexão que retoma algumas de minhas reflexões anteriores sobre o autor e a autoria e neste sentido penso que é possível, em um trabalho com os textos argumentativos, promover uma reflexão a respeito da ética e da produção de textos/discursos na sociedade. Sendo assim, há espaço para tratar dessa importante dimensão ao se explorar os textos argumentativos, em especial, os do âmbito acadêmico. Afinal, lidamos não somente com conteúdos linguísticos, mas também com valores e ideologias.

Entrevistadores: Como sabemos, o texto argumentativo é muito frequente no ensino. Este tipo de texto se adapta à transmissão do pensamento crítico do aluno, uma vez que o sujeito que o produz tem que produzir uma introdução, planejar uma tese e alguns argumentos sobre dados, chegando, assim, a uma conclusão. Neste tipo de texto, podem-se utilizar muitos falsos silogismos e falácias. A senhora acredita que é possível detectar desde o ponto de vista do leitor – partindo de que é possuidor de uma grande competência linguística – a utilização de uma linguagem “ad hoc” para criar este tipo de falácias?

Livia Baptista: Primeiramente, o que consiste uma falácia? Podemos defini-la como um argumento em aparência consistente e convincente. Não se invalida uma argumentação pelo fato de identificarmos nela falácias e falsos silogismos. Neste sentido, se trata de identificar se a conclusão a que se chega resulta de que tipo de premissas; se verdadeiras ou se falsas. Mas a questão que me preocupa é a de diferenciar a emissão de uma opinião, um mero juízo de valor de uma argumentação elaborada. Esse ponto é preocupante, pois ao analisar trabalhos acadêmicos notamos como proliferam opiniões, apreciações sem que haja algum tipo de embasamento mais científico. É importante construir uma atitude científica, ética, reflexiva, já que no ensino lidamos com formação e com cidadania.

Entrevistadores: Em sua opinião, quais as principais contribuições da Análise do Discurso de orientação francesa e de orientação crítica para o ensino de línguas mediado por gêneros, levando em consideração as condições de produção no ensino brasileiro nos dias de hoje?

Livia Baptista: A Análise do Discurso é um campo complexo, de maneira que não podemos pensar em uma homogeneidade teórica, uma vez que congrega diversas vertentes ou correntes. No caso, por exemplo, posso me referir à Análise de discurso de orientação francesa, notadamente a proposta por Pêcheux e no interior dos estudos críticos do discurso, a abordagem sociocognitiva de Van Dijk. Ambas não tratam especificamente de gêneros, mas da produção do discurso; de maneira simplificada podemos dizer que a primeira se volta para a análise dos processos históricos subjacentes à produção dos discursos e a segunda engloba a produção e a compreensão dos discursos, tendo em vista a relação discurso, sociedade e sociocognição. Dessa forma, deslocando nosso foco para o ensino e aprendizagem e, em especial, para os gêneros me parece que podemos a partir desses amplos domínios ou campos, compreender como os textos são produzidos, sejam como objeto histórico e simbólico, seja como objeto de natureza sociocognitiva, histórica e culturalmente situados. Neste sentido, representam vias de acesso à compreensão dos discursos produzidos e, por exemplo, podem contribuir para o entendimento do complexo processo de instauração de sentidos, de formação de leitores, de emergência de ideologias bem como de processos relacionados com o sujeito enquanto ser social e histórico. Podem ainda contribuir para ampliar a visão/ concepção de textos que temos, como professores, e, sendo assim, levar a uma problematização acerca de como os textos são produzidos, divulgados e assimilados na sociedade nos diferentes âmbitos e esferas da interação humana.

Entrevistadores: E, por fim, como a senhora avalia a chegada dos estudos da Pragmática como suporte teórico e metodológico para as aulas de línguas estrangeiras?

Lívia Baptista: Na verdade, as contribuições dos estudos pragmáticos não são tão recentes. Neste sentido, recordo, por exemplo, que os princípios nocionais-funcionais, que levaram ao ensino comunicativo já sinalizavam nessa direção, ao sugerirem explorar as estruturas gramaticais a serviço do uso da linguagem em situações específicas, ou ainda, ao preocuparem-se pelo sentido e não somente pela forma. Neste sentido, aproximam-se da teoria dos atos de fala, em especial no que se refere à função e a força *ilocucionária*, aspectos que serão mais reforçados no ensino comunicativo. Saliento igualmente que o ensino comunicativo valorizou os aspectos pragmáticos, pois chamou a atenção para a necessidade de considerar o que se diz, quando e como; questionou visões relacionadas ao correto/incorreto; enfatizou critérios como os de plausibilidade e adequação para a interação na língua que se aprende e priorizou a competência comunicativa. Como se nota, as contribuições da pragmática não são recentes e o panorama do ensino e aprendizagem de línguas se modificou substancialmente por causa dessa aproximação.

No momento vivemos certo ecletismo e questionamos os métodos. Nesse contexto, a pragmática bem como outros campos de conhecimento podem contribuir para uma visão menos dogmática dos processos envolvidos no ensino e aprendizagem de línguas. Dessa forma, torna-se fundamental compreender os contextos de aprendizagem, os diferentes sujeitos, suas concepções de língua e linguagem, buscando-se transcender práticas anacrônicas e reducionismos linguísticos. Neste cenário atual, entendo que a pragmática e outros campos não serviriam como suporte teórico-metodológico para as aulas, mas sim como fontes possíveis que gerariam uma compreensão (ou inteligibilidade) do que ocorrem com os sujeitos quando constroem seu conhecimento; no caso, o linguístico, em dado entorno e com dadas finalidades/propósitos e interesses. Dessa maneira, como qualquer teoria é um ponto de partida, uma possibilidade para compreender uma dada realidade e como tal tem seus alcances e seus limites. Jamais será, portanto, absoluta e jamais será a única fonte a qual poderemos recorrer para (re)pensar o processo de ensino e aprendizagem de línguas na contemporaneidade e, em última instância, para refletirmos sobre nossa própria prática.

Entrevistadores: Muito Obrigado por nos conceder essa entrevista!